

Tempos Preocupantes para a Democracia Liberal

A democracia liberal é co-natural à aspiração humana de viver em liberdade e, no mercado das ideologias, ainda é, e continuará a ser, a melhor de todas as alternativas.

TRADUÇÃO: **Leonor Barroso**

Gostaria de começar por agradecer ao Instituto de Estudos Políticos o amável convite para poder aqui comentar a Palestra Comemorativa de Dahrendorf (*Dahrendorf Memorial Lecture*), que acaba de ser proferida pelo Professor Marc Plattner, cuja biografia e notável estatuto académico já foram referidos pelo anfitrião da nossa sessão e pelo presidente da mesa. No seguimento da intervenção do Professor Clifford Orwin, o meu objectivo será o de realçar as ideias mais importantes e os alertas deixados pelo nosso distinto orador principal, acrescentando, ainda, algumas notas pessoais para o debate que se seguirá ou para reflexão ulterior.

O Professor Marc Plattner é um reconhecido observador do mundo e especialista nessa construção ideológica e política chamada democracia liberal. Na sua palestra, apresentou-nos três grandes ângulos: primeiro, uma retrospectiva do último quarto de século, desde a vitória impulsadora da terceira vaga de democratização até aos nossos dias, mais preocupantes e incertos; em segundo lugar, uma análise do conflito crescente entre a democracia e o seu inimigo latente – o autoritarismo; e, em terceiro lugar, algumas considerações perspicazes e recomendações sobre como resolver ou lidar com “o actual mal-estar da democracia liberal”, certamente a sua maior crise desde a Segunda Guerra Mundial.

Como grande pensador político, com



POR
José Miguel Sardica

Professor do Instituto de Estudos Políticos e da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa

experiência adquirida ao longo do tempo, no *Forum Internacional para os Estudos da Democracia* do NED (*National Endowment for Democracy*) e como editor do *Journal of Democracy*, o Professor Marc Plattner não é nem um optimista utópico, nem um pessimista apocalíptico. Arriscaria dizer que, na esteira do caminho prudente e perspicaz de Lord Ralf Dahrendorf, estamos perante um democrata liberal realista, profundamente consciente das ameaças que comprometem essa opção, mas persistentemente confiante na sua bondade intrínseca, na sua superioridade moral, na sua importância enquanto traço distintivo e legado incontornáveis do Ocidente, e no seu eterno potencial para a manutenção ou construção de sociedades mais humanas, seguras, desenvolvidas e felizes.

O conhecimento do passado só adquire relevância cívica e ressonância se ajudar a iluminar o que nos conduziu ao presente. A história não é, pois, um mero registo estático de factos, datas e nomes, mas antes um meio para compreender o tempo e o espaço, como uma disciplina humanista, sendo as investigações de cur-

to prazo apenas capazes de proporcionar análises políticas desfocadas e imperfeitas. O nosso orador deu-nos uma lição de história, sobre como a situação mundial tem evoluído desde o início da década de 90 e como se tem precipitado para um futuro incerto no último ano ou nos últimos dois anos. O essencial da sua própria bibliografia também já descreveu o mesmo caminho. Em 1993, o Professor Marc Plattner editou o seu livro *The Global Resurgence of Democracy (O Ressurgimento Global da Democracia)*; depois veio *Consolidating the Third Wave Democracies (Consolidação das Democracias da Terceira Vaga)*, em 1997; *The Democratic Invention (A Invenção Democrática)*, em 2000; *Democracy without Borders? Global Challenges to Liberal Democracies (Democracia sem Fronteiras? Desafios Globais às Democracias Liberais)*, em 2008; *Democracy in Decline (A Democracia em Declínio)*, em 2015; e *Authoritarianism Goes Global: the Challenge to Democracy (Globalização do Autoritarismo: o Desafio para a Democracia)*, publicado no ano passado. Atente-se nas palavras dos títulos, cuidadosamente escolhidas para assinalar traços marcantes da democracia liberal recente: “ressurgimento”, seguido de “consolidação”, ou “invenção”, antes de “desafio” e “declínio”, aparentemente às mãos do autoritarismo, uma pseudo-alternativa que julgávamos e esperávamos ver num caminho descendente, não ascendente.

Da história, o nosso orador partiu então para a política actual. Como foi cor-

rectamente sublinhado, estamos, de facto, a viver uma “recessão democrática” – não tanto uma “vaga democrática recessiva”, nos termos de Samuel Huntington –, visível na difusão da tendência de vários países para conduzirem a sua retórica e as suas instituições em direcção a “democracias iliberais” estranhas ou autoritarismos assumidos (corrompendo, em ambos os casos, o primado da lei), bem como na ascensão de partidos e candidatos populistas nos países ocidentais. Foram-nos dados exemplos nacionais relevantes e possíveis explicações para esta “crescente vulnerabilidade da democracia liberal”: tensões económicas, aumento da desigualdade social, disputas políticas, os efeitos da globalização ou a decadência moral e cultural. Mas, como também ouvimos, alguns destes fenómenos são regionais ou locais, enquanto a sedução do autoritarismo – ou do populismo, que pode ser a antecâmara daquele – é global, afectando tanto os países não ocidentais, como os ocidentais. Nos nossos tempos, o autoritarismo não opera por meio de um ataque total às instituições liberais existentes; serve-se antes do poder de atracção (*soft power*) para enfraquecer a democracia, prometendo governação eficiente, melhores resultados económicos ou um nacionalismo mais seguro, ainda que fechado e intolerante. Além disso, como

também foi enfatizado, o nosso século XXI está a reforçar um cenário pós-Occidental onde a palavra “democracia” e o seu significado moral e civilizacional parecem uma realidade distante e demasiado abstracta em várias partes do mundo.

Considerados todos os argumentos – e foi assim que interpretei as linhas finais do Professor Marc Plattner – o mal-estar da democracia não pode ser combatido nem com uma visão neo-imperial obsoleta, imposta pelo Ocidente aos “Outros”¹, nem com soluções meramente técnicas decorrentes de reformas burocráticas impostas a partir de cima. Reafirmar, salvar



O conhecimento do passado só adquire relevância cívica e ressonância se ajudar a iluminar o que nos conduziu ao presente



ou restaurar a democracia liberal exige uma solução mais forte e eficaz, que restitua energia aos poderes e aos seus eleitores, estados e nações existentes em torno daquilo que pode ser designado como consenso emocional, moral ou filosófico, em torno da ideia de que a democracia liberal é co-natural à aspiração humana de viver em liberdade e de que, no mercado das ideologias, a democracia liberal ainda é, e continuará a ser, a melhor de todas as alternativas. Assim, a palestra que todos tivemos o privilégio de ouvir é, em última análise, um alerta profundo: resistências, quedas, percursos acidentados e inimigos não são novidades para as democracias do mundo. Uma vez que a história já demonstrou a duradoura resistência de tal fórmula, porque haveria de ser diferente agora?

Enquanto refletia sobre a palestra do professor Plattner, fiz uma pesquisa no Índice de Democracia (*Democracy Index*) anualmente publicado pela *Economist Intelligence Unit* do Reino Unido: em 2016, dos 167 países do mundo abrangidos pela lista, 76 eram democracias, 40 tinham regimes híbridos e 51 viviam sob regimes autoritários, o que significa que apenas 45.5% dos países, compreendendo 49.3% da população mundial, têm total acesso às vantagens da liberdade. A meta que temos diante de nós é aumentar estes números. Para aqueles que a têm, a democracia é excessivamente dada por adquirida, como algo que não se conquista; não deveria ser assim. Se ao leque mais amplo de problemas que já afectam as sociedades ocidentais – crise económica, empobrecimento da classe média, radicalismo, terrorismo, instabilidade ou corrupção – acrescentarmos a anomia cívica, protestos cegos ou um declínio de pendor populista, estaremos a preparar o caminho para todos aqueles que alegam saber o que é melhor para nós.

O verdadeiro perigo do autoritarismo reside na sua capacidade de atracção, afirmando oferecer uma solução para todos os problemas, e simultaneamente aliviando as pessoas da tarefa de pensar, debater, escolher, construir e existir. A decadência das democracias começa precisamente quando as pessoas se demitem das suas responsabilidades cívicas inalienáveis – e, diga-se, sem estas, ninguém pode reclamar justamente direitos inalienáveis, senão talvez aqueles que derivam da nossa dignidade humana natural.

Sou historiador. O passado oferece-nos algumas lições, na forma de antído-



| Miguel Pinto Luz, Vice-presidente da Câmara Municipal de Cascais |

tos anti-autoritários. A maioria dos eleitores e da opinião pública não daria tempo aos populistas e aos antidemocratas se fosse capaz de recordar onde conduziram as suas promessas e acções. O trabalho de académicos tão respeitáveis como o Professor Marc Plattner ecoa a máxima de Sir Winston Churchill de que, em última análise, a pior democracia continua a ser superior a qualquer alternativa autoritária e/ ou utópica. É uma ideia simples – e, na política, as ideias simples são frequentemente as melhores. Os vários passos e requisitos para materializar e defender essa ideia podem ser morosos e complexos. Mas se não se perder de vista o essencial, o percurso é muito mais facilmente perceptível. No seu famoso discurso na Normandia, em Junho de 1984, recordando as forças aliadas que haviam morrido no Dia D, Ronald Reagan definiu a democracia, de maneira simples, mas elegante, como “a forma de governo mais profundamente admirável alguma vez concebida pelo homem”. É exactamente isso. E tal deveria ser suficiente para alentar a atenção ocidental na defesa da democracia.

Mas o passado é um confronto permanente com o presente e com o futuro. Quão sério é – e o nosso orador mostrou-nos que é sério – o recrudescimento global de autoritarismo nas suas várias vertentes? Creio que qualquer resposta a esta preocupante questão suscita um conjunto de outras possíveis questões. Irá a União Europeia recuperar o seu ímpeto, de cer-



O verdadeiro perigo do autoritarismo reside na sua capacidade de atracção, afirmando oferecer uma solução para todos os problemas, e simultaneamente aliviando as pessoas da tarefa de pensar, debater, escolher, construir e existir

ta forma perdido? No seio do velho continente, será que o futuro próximo pertence a Emmanuel Macron ou a Viktor Orbán? Que forma assumirá o Brexit no futuro? Continuarão os Estados Unidos a sua busca pela vida, liberdade e felicidade? O que trarão o capitalismo e a globalização aos continentes africano e asiático (nomeadamente à China)? Que *franchise* global de terrorismo será inventado após a queda do Estado Islâmico? O mundo

era muito mais simples na década de 90 do que é agora. A vertigem, a incerteza e um sentimento de novidade (má ou boa) são as coordenadas actuais. É por essa razão que as palavras iniciais de Charles Dickens, no seu famoso romance histórico de 1859, *A Tale of Two Cities* (*Um Conto de Duas Cidades*), podem aplicar-se literalmente ao nosso ano de 2017: “Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; foi a era da sabedoria, foi a era da loucura; foi a época da crença, foi a época da incredulidade; foi a fase da Luz, foi a fase das Trevas; foi a primavera da esperança, foi o inverno do desespero; íamos todos directos para o Céu, íamos todos directos na direcção oposta”.

Para onde estamos, então, a dirigir-nos? A beleza da História reside em mostrar-nos que nunca houve, nem alguma vez haverá um futuro predeterminado; a beleza da política reside no chamamento cívico que a todos convoca para pensar e encontrar as melhores soluções tendo em vista a organização, de forma humana, livre e justa, da nossa identidade e modo de vida sociais numa colectividade; e a beleza da democracia liberal reside, em última análise, em recordar-nos e ensinar-nos onde pode ser encontrada a melhor solução ou, pelo menos, as maiores esperanças. ■

NOTAS

1 N.T. Alusão à obra *Civilization: The West and the Rest* (Civilização: O Ocidente e os Outros), da autoria de Niall Ferguson.